

O estruturalismo na teoria crítica de Adorno e Horkheimer¹

César Portantiolo MAIA²

Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, SP
Centro Universitário FIAM-FAAM, São Paulo, SP

Resumo

Este trabalho aborda alguns pressupostos da teoria crítica da escola de Frankfurt, com ênfase especial às proposições de Max Horkheimer e Theodor Adorno, destacando os pontos que aproximam os autores do estruturalismo. Na concepção estruturalista a sociedade é vista como algo pré-definido, com formas e características que existem mais ou menos independentes dos interesses individuais. Após analisar os pontos de proximidade da teoria crítica com o estruturalismo, apresentam-se algumas possibilidades para esta matriz teórica tão relevante na análise da sociedade capitalista e que muito tem a contribuir contemporaneamente para o processo de interpretação da realidade social.

Palavras-chave: Teoria crítica; indústria cultural; estruturalismo; capitalismo.

Este trabalho propõe-se a abordar os principais pressupostos da teoria crítica da escola de Frankfurt, com ênfase especial às proposições de Max Horkheimer e Theodor Adorno a partir da análise de um dos principais trabalhos que os dois realizaram em conjunto, a elaboração da *Dialética do esclarecimento*, com ênfase no texto “A indústria cultural: o esclarecimento como mistificação das massas”.

Nesse estudo destacam-se os pontos que aproximam os autores do estruturalismo, matriz teórica de análise que pressupõe a existência de estruturas rígidas e pouco moldáveis da sociedade que forçam os indivíduos a se encaixarem em determinados formatos pré-estabelecidos. Na concepção estruturalista a sociedade é vista como algo pré-definido, com formas e características que existem independentemente dos interesses individuais.

Por fim, após analisar os pontos de proximidade da teoria crítica com o estruturalismo, trazem-se algumas possibilidades para esta matriz teórica tão relevante na análise da sociedade capitalista e que muito tem a contribuir contemporaneamente para o processo de interpretação da realidade social.

A teoria crítica a partir das contribuições de Adorno e Horkheimer

¹ Trabalho apresentado no GP Teorias da Comunicação do XV Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestrando do curso de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Unifesp e docente dos cursos de Comunicação Social do Centro Universitário FIAM-FAAM.

A teoria crítica estruturada a partir de Frankfurt na Alemanha teve como uma de suas mais célebres figuras Max Horkheimer, autor que reúne no seu entorno um grupo de pesquisadores para, a partir da concepção materialista, construir análises teoricamente bem estruturadas para explicar processos sociais.

A escola de Frankfurt definiu um objetivo audacioso e difícil de ser atingido: construir análises amparadas em diversas áreas da pesquisa social, visando à completude dos resultados atingidos. A grande preocupação era a construção de uma análise materialista ampla e interdisciplinar, amparada na filosofia, na sociologia, no direito e na psicanálise.

A utilização sistemática de todas as disciplinas de pesquisa da ciência social no desenvolvimento de uma teoria materialista da sociedade foi o principal objetivo da teoria crítica; com isso ela esperava superar o velho purismo teórico do materialismo histórico e reservar um lugar para a possibilidade de uma proveitosa fusão fecunda entre a ciência social acadêmica e a teoria marxista³.

Para atingir tal intento era necessário que houvesse condições externas favoráveis, como um ambiente intelectual capaz de agrupar pesquisadores de diferentes campos teóricos, estrutura física e suporte econômico para os estudos, bem como um ambiente acolhedor para intelectuais de matriz teórica marxista.

Honneth⁴ destaca que em Frankfurt, por volta da década 1920, havia esse ambiente, pois nesta cidade encontravam-se pessoas dispostas a financiar novos estudos e a realizar investimentos inovadores. Com uma universidade recentemente fundada, uma rádio capaz de acolher experimentações e um centro de pesquisas com recursos para financiar os estudos do instituto⁵, a teoria crítica encontrou uma “terra fértil” para “germinar, crescer e frutificar”.

Em seus escritos da década de 1930, Max Horkheimer (então diretor do instituto), junto com Herbert Marcuse, destacava a necessidade de uma matriz teórica que superasse a cisão entre pesquisa empírica e filosofia⁶. Ou seja, a preocupação era a criação de algo inovador que superasse alguns dos conflitos intelectuais de sua época, propondo assim uma análise fundamentada empiricamente e com reflexões filosóficas aprofundadas.

Era ainda preocupação dos pesquisadores de Frankfurt que a teoria crítica superasse a “teoria tradicional”, desvinculada do contexto social em que está inserida e das práticas sociais que resultam do seu processo de produção do conhecimento. Dessa forma, a teoria

³ HONNETH, 1999. p. 505.

⁴ Idem, *ibidem*.

⁵ Instituto de Frankfurt, como era chamada anteriormente e “Escola de Frankfurt”.

⁶ *Ibid.*

crítica é “entendida como teoria sempre ciente de seu contexto social de origem, assim como de seu contexto de aplicação prática”⁷, preocupada com o ambiente que envolve as suas produções e o resultado dessa para a estrutura e a relação de força que se estabelece no interior das sociedades.

De maneira geral, compreende-se como focadas em três diferentes disciplinas as análises iniciais da teoria crítica: a) a análise econômica do capitalismo pós-liberal pressupõe a participação do estado na organização e gestão dos processos de mercado, constatando a interlocução entre elites econômicas e políticas em confluência na estrutura de poder; b) a investigação sociopsicológica da integração societária percebe as mudanças que se dão na estrutura familiar a partir do desenvolvimento do capitalismo, sendo uma de suas características a fragilização da figura masculina como responsável e provedor financeiro do lar passando essa função, em muitos casos, para a mulher; c) a análise teórico estrutural da cultura de massa. Nessa perspectiva a cultura é interpretada a partir da leitura superestrutural marxista, fazendo parte do processo de dominação da classe burguesa⁸.

Para aprofundar a reflexão a partir do terceiro item destacam-se, aqui, as concepções teóricas de Max Horkheimer e Theodor Adorno a respeito da indústria cultural⁹ e dos processos de massificação que ela se encarrega de promover sobre os mais diferentes setores da vida social. Como parte da indústria da cultura destacam-se – tendo em vista o momento histórico dessa análise na década de 1940 – o jornal escrito, o rádio e o cinema, que realizam um processo de generalização dos produtos que são postos à disposição do público, gerando o fim da individualidade na produção de sentido dos processos sociais vivenciados a partir dos meios de comunicação.

Nesse processo de massificação da sociedade restringem-se as possibilidades de ação do indivíduo, pois ela se sobrepõe a todos, dando um caráter de igualdade ao corpo social no tocante à sua característica de obediência às normas prescritas pela indústria cultural. Nessa perspectiva teórica, a ação do indivíduo na estrutura social resume-se, em muitos aspectos, à observância de regras preconizadas por outrem e que a ele se sobrepõem, com poucas possibilidades de mudança ou reelaboração de diferentes formas de agir.

Esse processo de padronização permeia todos os setores da sociedade, de uma forma que a própria estrutura arquitetônica das construções pouco varia, mesmo que varie o

⁷ HONNETH, 1999, p. 509.

⁸ Idem, *ibidem*.

⁹ A concepção de indústria cultural está relacionada ao processo oferecimento de produtos pelos meios de comunicação que são disponibilizados aos consumidores em grande quantidade e de forma padronizada.

sistema político, os prédios que abrigam cidadãos ou os da administração pública quase não se modificam de um sistema para outro. Até mesmo nas modernas construções das pequenas habitações, apartamentos de apenas um quarto, projetados para a moradia de uma pessoa, onde os moradores acreditam estar repletos de individualidade e de características incomuns; nesse processo existe também a massificação, pois todos se encontram submissos ao poder do capital¹⁰.

Assim sendo, de acordo com Adorno e Horkheimer¹¹, há um ar de semelhança em tudo, todos os produtos do rádio, dos jornais e do cinema estão permeados por um formato padronizado que perpassa os meios de comunicação e que dá a eles o caráter de uma indústria capaz de produzir cultura para ser consumida por ampla parcela da população, fazendo com que os próprios consumidores adquiram as formas de agir e de pensar propostas pelos produtos consumidos.

Como forma de justificar o processo de massificação coordenado pela indústria cultural, os seus articuladores destacam que é “expressão da necessidade dos indivíduos”, ou seja, tudo é produzido para o suprimento da “vontade coletiva”. No entanto não se comenta que os próprios interesses dos consumidores são, em grande parte, definidos a partir da exposição de produtos que passaram por um requintado processo de racionalização, onde o seu poder de convencimento e de produção de significados que atendam aos interesses de quem detém o poder econômico foi totalmente potencializado.

Os padrões teriam resultado originariamente das necessidades dos consumidores: eis por que são aceitos sem resistência. De fato, o que explica é o círculo da manipulação e da necessidade retroativa, no qual a unidade do sistema se torna cada vez mais coesa. O que não se diz é que o terreno no qual a técnica conquista seu poder sobre a sociedade é o poder que os economicamente mais fortes exercem sobre a sociedade. A racionalidade técnica hoje é a racionalidade da própria dominação. Ela é o caráter compulsivo da sociedade alienada de si mesma¹².

Com a indústria cultural a racionalidade é expressa a partir de uma técnica que favorece o desenvolvimento de mecanismos para prender a atenção do indivíduo, mas que o mantém alienado de si. Em outras palavras, o processo de racionalização favorece o fortalecimento dos que dominam economicamente, sendo esses os mesmos que ditam as ordens para os meios de comunicação, restringindo-se as possibilidades de ação fora das concepções que são transmitidas pelos formadores da cultura de massa.

¹⁰ ADORNO; HOKHEIMER, 1985.

¹¹ Idem, ibidem.

¹² Ibidem, p. 100.

Comparados aos detentores dos grandes monopólios industriais de eletricidade, petróleo, química e, atualmente, algumas empresas do ramo alimentício, eletroeletrônica, produção de automóveis, dentre muitas outras possibilidades que o mercado global apresenta, o poder dos donos da indústria da cultura é pequeno, sendo necessário que eles deem rápido respaldo aos verdadeiros donos do poder para que não corram o risco de perder as suas possibilidades de ganho. Diretores das rádios cinemas e jornais (atualmente televisão) retribuem ao apoio econômico com o processo de massificação¹³.

De acordo com Adorno e Horkheimer, todo o processo arquitetado pelos meios de comunicação reduz as possibilidades de diferenciação do indivíduo na sociedade. Isso porque, para os donos do capital, não são levadas em consideração as capacidades, afinidades ou construções particulares, todos recebem produtos semelhantes, com formato parecido, restando ao indivíduo apenas encaixar-se no esquema proposto, para assim facilitar a integração e convivência social.

Não cabe ao consumidor refletir, depurar ou organizar nada, pois tudo o que chega até ele já foi previamente classificado. Antes do produto se tornar público, ele já foi triado pelo editor do jornal, pelo diretor do cinema, ou do rádio.

As canções que chegam até os ouvintes, os estilos das programações de entretenimento, as notícias e os filmes não escapam ao eficiente processo de padronização da indústria da cultura. As pessoas estão acostumadas ao consumo de tais produtos e, ao verem um filme pela primeira vez, já imaginam o seu final e quando acertam, sentem-se feliz pela eficiência de sua capacidade de percepção, não concebendo todo o processo de massificação que está por de trás dessa habilidade desenvolvida¹⁴.

Busca-se a repetição de formas, estilos e padrões para que os consumidores se acostumem com modelos estéticos pouco complexos que passam a ser considerados “bons”, sendo que tudo o que deles difere é considerado ruim, ou pelo menos incômodo. Constatase assim que “cada manifestação da indústria cultural reproduz as pessoas tais como as modelou a indústria em seu todo¹⁵.” Nessa perspectiva, tal como a indústria de carro desenvolve a capacidade de reproduzir o maior número de veículos idênticos ao modelo padrão no menor tempo possível, os meios que produzem cultura de massa também buscam a padronização dos indivíduos de forma rápida e simples, diminuindo as possibilidades de “pensar diferente”.

¹³ Ibid

¹⁴ Ibid.

¹⁵ Ibid. p. 105.

Para obter a massificação dos indivíduos, eliminando qualquer potencial de rebeldia ou dissonância social que não esteja previamente identificado no roteiro dos diretores e dos produtores, ocorre um processo de “totalização” em torno dos padrões e formatos utilizados pela indústria da cultura. Ou seja, constroem-se estilos que aniquilam qualquer possibilidade de mudança nos padrões impostos: sons diferentes nas músicas são considerados dissonantes, imagens que contrastem com as de costume do cinema são censuradas, traços e formas fora dos padrões nas obras de arte são filtradas. Tudo para manter um “padrão estético” nos produtos que devem ser consumidos pelo público.

Adorno e Horkheimer¹⁶ constatam que tudo o que está fora dos padrões impostos pela mídia é visto por ela com “maus olhos”, qualquer “rebeldia artística”, para ter alguma possibilidade de se tornar conhecida pelo público, tem de estar dentro dos “padrões midiáticos de rebeldia”, do contrário, tal intento fica relegado ao insucesso e à incapacidade de subsistência.

É importante destacar que a indústria cultural gera também a massificação do consumo. Existe um processo coordenado pelos donos de jornais, de emissoras de rádio e dos diretores de cinema que favorece a homogeneização dos indivíduos de acordo com o seu estrato social, o seu patamar de desenvolvimento econômico, impondo características semelhantes de acordo com o nível de renda, onde o desenvolvimento de novas técnicas para a reprodução de informações possibilita o aumento da padronização dos hábitos de consumo dentro de um determinado grupo.

Para todos algo está previsto: para que ninguém escape, as distinções são acentuadas e difundidas. O fornecimento ao público de uma hierarquia de qualidades serve apenas para uma quantificação ainda mais completa. Cada qual deve se comportar, como que espontaneamente, em conformidade com o seu *level*, previamente caracterizado por certos sinais, e escolher a categoria dos produtos de massa fabricada para seu tipo. Reduzidos a um simples material estatístico, os consumidores são distribuídos nos mapas dos institutos de pesquisa (que não se distinguem mais dos de propaganda) em grupos de rendimento assinalados por zonas vermelhas, verdes e azuis¹⁷.

A partir desse método de ação do capitalismo na sociedade, as pessoas são vistas apenas como consumidoras que compram produtos produzidos em massa, com o fim de serem adquiridos em massa. Um conjunto de produtos é projetado para um determinado *level* da população, a única atitude racional e humana que cabe ao indivíduo, nessas circunstâncias, é identificar o seu estágio de desenvolvimento econômico e consumir o que a ele foi disponibilizado.

¹⁶ Ibid.

¹⁷ Ibid. p. 102.

A indústria cultural estrutura-se de tal forma como representante dos setores fabris que o momento de diversão torna-se a extensão do ambiente de trabalho¹⁸. Ao chegar em casa, o trabalhador busca o lazer e o descanso através, muitas vezes, do entretenimento fornecido pela indústria cultural que utiliza estruturas mecanizadas de prazer e deleite. Assim sendo, o momento de lazer, pela sua simplificação e automatização, como é encarado, torna-se a extensão do espaço de trabalho.

Dentre as artimanhas utilizadas pelo capitalismo para construir na prática o que concebe como “homem ideal”, utilizam-se categorias que são repetidas vezes acionadas e que se tornaram conhecidas a partir dos estudos realizados pela teoria crítica. Uma delas é a “tragédia”, eminentemente próxima de qualquer ser humano e muito bem explorada nas produções cinematográficas¹⁹.

Como parte da vida real dos seres humanos, a tragédia tem como sua principal característica a imprevisibilidade. Assim, a impossibilidade de diagnóstico e controle é o que gera nos indivíduos o medo de que algo trágico está para acontecer. No entanto, a essência dessas situações é retirada a partir das produções da indústria fílmica, pois a cena trágica ocorre e o super-herói sempre consegue de alguma forma sair-se bem. Assim sendo o controle que se estabelece sobre algo que deveria ser incontrolável gera conforto ao indivíduo que tem o seu dia a dia permeado pela instabilidade.

Outro aspecto dessas produções é o caráter de ordem que se estabelece, principalmente, a partir daqueles que desenvolvem os papéis de protagonistas, como forma de demonstrar um “bom exemplo” para a população, evitando assim o descontrole das massas. Concerne-se em torno do “bom moço” a figura de alguém calmo e tranquilo, que tem sempre a situação sob controle, transmitindo para o telespectador a concepção de que “manter a ordem” é a melhor alternativa²⁰.

Além da formação de opinião e de visões de mundo que se formulam a partir do “exemplo de vida” dos atores protagonistas durante as situações fictícias dos filmes e das novelas, a influência deles vai além, tornando-se modelos a serem seguidos. “Os astros são apenas os moldes para uma indústria de confecção de dimensões mundiais e para a tesoura da justiça legal e econômica, com a qual se eliminam as últimas pontas dos fios de linha²¹.” Não sendo suficiente a pressão moral da referência do astro, a estrutura social faz-se valer

¹⁸ Ibid.

¹⁹ Ibid.

²⁰ Ibid.

²¹ Ibid. p. 194.

de outros mecanismos para evitar possíveis fugas dos modelos sociais preconizados, podendo ao máximo as tentativas de mudança no percurso determinado da história.

Nesse processo, extinguem-se as possibilidades de construção de uma individualidade verdadeira, pois muitas ações e formas de pensar utilizadas por pessoas que acreditam estar sendo originais, na realidade, já foram programadas pela indústria com o fim de serem apropriadas na vida cotidiana. O corte de cabelo, a roupa e as gírias que alguns utilizam com o ideal de diferenciação já foram cunhados pela indústria e postos à disposição dos consumidores numa máquina engenhosa que extirpa, cada vez mais, as possibilidades de construção da autonomia de escolha do sujeito.

O processo de massificação é aprofundado a partir da publicidade que tem por fim tornar os produtos conhecidos e auxiliar os consumidores, não havendo mais necessidade de transitar de loja em loja em busca dos produtos que procuram. No entanto, a partir de suas técnicas desenvolvidas a publicidade adquire o poder de dar ao objeto que será consumido o valor de uso que ele em si não possui.

Dessa forma mantêm-se no mercado as empresas que investem na divulgação de seus produtos, excluindo-se aquelas que não o fazem e fechando o círculo de opções do consumidor em um pequeno número de grandes marcas que investem pesado em diferentes técnicas de marketing.

Tanto técnica quanto economicamente, a publicidade e a indústria cultural se confundem. Tanto lá como cá, a mesma coisa aparece em inúmeros lugares e a repetição mecânica do mesmo produto cultural já é a repetição do mesmo slogan propagandístico. [...] O que importa é subjugar o cliente que se imagina como distraído ou relutante²².

Pode-se perceber assim que, a partir do atrelamento da indústria de produtos via publicidade, com a indústria da cultura a partir de formas padronizadas de exposição dos conteúdos e divulgação de produtos, fecha-se um círculo em torno do consumidor que põe em dúvida a prerrogativa do livre comércio, a “liberdade” de escolha entre diferentes marcas.

Para demonstrar a eficiência do processo e a impotência de escolha de produtos que não tenham passado pelo filtro da indústria, Adorno e Horkheimer constatarem que o mesmo padrão de publicidade utilizado pelos governos totalitários nas transmissões radiofônicas se repete na hora de propagandar determinados produtos em países capitalistas. A fala rápida, o tom de voz e a repetição caracterizam a semelhança do método de publicidade nos dois

²² Ibid. p. 135.

contextos, aumentando ainda mais a impossibilidade de racionalização e crítica sobre o processo de compra por parte do consumidor.

Dessa forma na concepção dos autores,

todos são livres para dançar e para se divertir, do mesmo modo que, desde a neutralização histórica da religião, são livres para entrar em qualquer uma das inúmeras seitas. Mas a liberdade de escolha da ideologia, que reflete sempre a coerção econômica, revela-se em todos os setores como a liberdade de escolher o que é sempre a mesma coisa²³.

Reduzem-se assim as possibilidades de liberdade de escolha do indivíduo na sociedade, pois este se encontra numa situação de profundo controle e determinação sobre suas ações. No trabalho a realidade é de significativa alienação e mecanização, processo que irá se repetir no lazer a partir do acesso aos bens culturais que foram massificados, da mesma forma ocorre no momento do consumo, onde o indivíduo é levado, por um processo engenhoso das empresas de publicidade, a escolher produtos entre marcas pré-estabelecidas e consolidadas no mercado.

Todo esse processo que reduz a possibilidade de racionalização humana, a partir da ampliação do desenvolvimento tecnológico, serve como extirpador das possibilidades de mudança na estrutura social, pois grande parte das relações construídas e das atitudes tomadas pelas pessoas já foi previamente pensada e planejada pelo poder do sistema econômico, cabendo ao indivíduo apenas consumir e escolher entre algumas possibilidades que lhe são apresentadas.

Limites e possibilidades da teoria crítica

Na perspectiva teórica de Adorno e Horkheimer percebe-se claramente grande capacidade e profundidade na análise da sociedade capitalista, identificando os meios utilizados pelos detentores de poder econômico para manter a sua dominação sobre a estrutura social de forma que, independentemente das variações políticas e das manifestações sociais que ocorram, a estrutura onde os detentores do poder econômico determinam os caminhos a serem percorridos pela sociedade permanece praticamente inalterada.

Dessa forma o capitalismo “fecha o cerco” ao indivíduo de maneira tal que não restam muitas opções: para a sobrevivência, depende-se da venda da força de trabalho e da entrega a um sistema mecanizado de produção que desconsidera as particularidades e, na maioria das vezes, a criatividade; no momento do lazer está-se entregue à recepção de bens

²³ Ibid. p. 138.

culturais que também passaram por uma simplificação extrema até tornarem-se públicos; na hora de desfrutar do seu trabalho, no ápice do gozo dos resultados obtidos que constitui o momento do consumo, o indivíduo compra determinados produtos que também passaram por um processo de massificação durante a produção e a publicidade, para que pudessem ser oferecidos a um determinado “nível” de consumidores. Assim sendo, limita-se a individualidade tornando-se a pessoa apenas o produto da massificação.

No entanto, tal interpretação dos processos sociais apresenta algumas limitações, pois estando os caminhos a serem percorridos pelos indivíduos previamente definidos, cabendo apenas escolher entre algumas possibilidades que lhe são apresentadas, mas que não alteram as bases da estrutura imposta pelo sistema econômico capitalista, de que forma podem ser explicadas as alterações que ocorrem nas sociedades ao longo do seu percurso histórico? Não resta ao indivíduo nenhuma possibilidade de alteração da ordem posta?

Concebe-se então que

se as diferentes investigações que os membros do círculo interno do instituto fizeram no curso dos anos 30 forem reunidas num conjunto teórico, o que aparece é a imagem de uma sociedade totalmente integrada; nela a vida social se esgota – como nas visões das teorias do totalitarismo – num circuito fechado do exercício centralizado da dominação, do controle cultural e do conformismo individual²⁴.

Com uma leitura da sociedade onde o poder encontra-se centralizado numa elite econômica e o indivíduo não é entendido como alguém que constantemente realiza o processo de leitura e ressignificação da realidade, a grande narrativa da teoria crítica, amparada numa leitura funcionalista de Karl Marx, apresenta alguns limites relevantes de serem destacados para uma utilização mais apropriada de seus pressupostos na contemporaneidade.

Em análise a respeito da teoria crítica da escola de Frankfurt, Axel Honneth destaca que as proposições lá formuladas a respeito das estruturas sociais consideram apenas o trabalho societário como pressuposto empírico de análise, não levando em consideração outras formas de relações que se estabelecem nas construções cotidianas da realidade dos indivíduos²⁵.

Nessa concepção, o principal problema da teoria crítica é não considerar a reinterpretção realizada pelos indivíduos das ordens e estruturas sociais, ou seja, existe uma esfera comunicativa que envolve o dia a dia a vida prática dos indivíduos e, nela, as regras e imperativos sociais não são cumpridos cegamente, na perspectiva de um

²⁴ HONNETH, 1999, p. 516.

²⁵ Ibid.

funcionalismo determinista, mas são integrados e readaptados nas normas de convivência dos grupos.

Em sua crítica às produções de Adorno e Horkheimer, Honneth²⁶ destaca que para sustentar o argumento da existência de um processo de dominação social, onde o progresso tecnológico e o desenvolvimento de um “processo civilizatório” cumprem a função de ampliar a subjugação do homem pelo homem, eles deixam de lado, por exemplo, a ampliação das liberdades jurídicas e dos direitos individuais que se deram a partir dos ideais iluministas e da modernização.

Não surpreende que todas as realizações criativas dos sujeitos e grupos integrantes sejam vítimas desse reducionismo histórico-filosófico; toda a esfera da prática diária comunicativa é tão decisivamente excluída da investigação do processo civilizatório que os avanços sociais, do modo como ocorreram nesse período, são deixados de lado²⁷.

Outro aspecto relevante destacado pelo autor, como um ponto de fragilidade da teoria crítica e que se acentuou ao longo de seu percurso histórico, pode ser interpretado como o abandono da perspectiva interdisciplinar que fazia parte da concepção fundante do instituto de pesquisa de Frankfurt²⁸. Para sustentar os argumentos construídos, em torno dos processos de redução das possibilidades de ação dos sujeitos e dos efeitos, em grande parte negativos do “processo civilizador”, cada vez mais Adorno e Horkheimer afastaram-se das demonstrações empíricas e das Ciências Sociais, para se aproximar da filosofia como matriz de interpretação e análise da realidade.

Nesse sentido, Honneth constata que os pressupostos teóricos de Adorno e Horkheimer se esgotaram, não respondendo de forma satisfatória às situações vivenciadas contemporaneamente a partir do desenvolvimento tecnológico e da consequente especialização da indústria cultural, sem deixar aos receptores das mensagens possibilidades de reinterpretação dos produtos que estavam sendo recebidos e atuando meramente como espectadores reprodutores.

Em contrapartida a essa concepção o autor apresenta as construções de Walter Benjamin, que, embora também fosse adepto da teoria crítica, estava um pouco mais distante teoricamente de Adorno. Benjamin, em vez de considerar o espectador apenas receptor de mensagens, define a existência de construções mentais coletivas que se dão a partir de experiências comuns, nesse caso, dependendo do grupo social que está recebendo

²⁶ Ibid.

²⁷ Ibid. p. 523.

²⁸ Ibid.

a informação e de suas experiências elas podem ser formuladas mentalmente de diferentes formas²⁹.

Ao citar Franz Neumann e Otto Kirchheimer, dois autores também adeptos da teoria crítica, Honneth destaca que para esses a sociedade se constitui em um “processo global de comunicação entre grupos sociais³⁰.” Assim sendo não há necessariamente uma estrutura que esteja “dada”, ou algo que esteja posto, aguardando simplesmente que os indivíduos se encaixem em um sistema previamente definido, pois o sistema e a estrutura estão constantemente sendo redefinidos a partir dos fluxos comunicativos entre diferentes grupos e das negociações que se estabelecem entre eles, é aí que se definirão os aspectos institucionais da organização da sociedade.

Assim sendo, pode-se concluir que, embora as concepções teóricas de Adorno e Horkheimer sejam uma matriz relevante para análise da sociedade capitalista, as interpretações por eles propostas constituem-se num sistema muito fechado, que elimina substancialmente as possibilidades de ação dos indivíduos e dos grupos, relegando-os a cumpridores de funções previamente definidas em uma estrutura que praticamente não se altera.

No entanto, percebe-se que outros autores, também adeptos da teoria crítica, fizeram uso de seus métodos sem impregná-la da visão funcionalista de análise da sociedade, mas deixando aos indivíduos e às coletividades estabelecidas algumas possibilidades de reinterpretação das regras postas pelos detentores do capital, com chances de produção de novas formas e possíveis alterações nas estruturas.

Percebe-se então que as concepções de Adorno e Horkheimer continuam relevantes para análise da sociedade capitalista, sendo as ressalvas acerca de um estruturalismo exacerbado em suas formulações algo que qualifica ainda mais esta grande narrativa, tornando possível a sua presença em análises contemporâneas com mais qualificação, completude e profundidade.

²⁹ Ibid.

³⁰ Ibid., p. 528.

Referências

HONNETH, A. Teoria Crítica. In: GIDDENS, A.; TURNER, J. H. (Org.) **Teoria Social Hoje**. São Paulo, Unesp, 1999.

ADORNO, T.; HOKHEIMER, M. **Dialética do esclarecimento**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.